

O REFLORESTAMENTO

(Divulgação)

J. G. DUQUE

As fazendas, que têm terrenos de altos de morro, carascais, cabeceiras d'água e gargantas apertadas, devem utilizar estes tipos de solos para a Silvicultura. Se esses terrenos estão desocupados, o florestamento impõe-se; si já estão crescendo capoeiras, é preciso protegê-las, quer sejam elas naturais ou artificiais.

A medida que as fazendas se subdividem, o terreno se enfraquece; a densidade de população aumenta e os preços das terras se elevam; é necessária uma exploração mais racional do solo, visando-se uma produção melhor e maior, economicamente, para cada homem que trabalha, pois cada alqueire de terra, *ruim* ou *bom*, deverá produzir, com lucro, o produto agrícola, que a sua fertilidade, a sua colocação e as circunstâncias locais permitirem. Não basta explorar o *bom* e deixar o *ruim*.

Deveremos aproveitar os solos acima citados para a Silvicultura e, quando eles estiverem improdutivos poderemos fazer seu reflorestamento: 1) natural; 2) artificial.

O reflorestamento natural consiste em deixar as capoeiras crescerem, espontaneamente. Esse sistema é muito barato, dá pouco trabalho, toma pouco tempo da administração, mas, dá lenha e madeira inferiores, não cresce sempre nos lugares mais próprios e o rendimento, em lenha, é baixo, — (80 a 100 m³, por 1 Ha., nas capoeiras de 7 anos da E.S.A.V.).

Nos terrenos de roçadas ou derrubadas, o reflorestamento se dá pela brotação dos tocos, germinação das sementes caídas no chão ou trazidas pelos pássaros e vento.

Nas capoeiras queimadas ou roçadas, a brotação dos tocos, as sementes trazidas de fora e algumas que ficaram debaixo da manta, no fogo brando, formam a nova floresta.

Os pastos velhos e os carascais são difíceis de se *cobrirem* naturalmente, com florestas, devido a falta de tocos e sementes. Esses últimos deverão ser reflorestados artificialmente por mudas ou sementes. Deveremos auxiliar o reflorestamento natural pela proteção contra o fogo e os animais, replantando «os claros» que houver e, limpando, com foice, a vegetação não lenhosa, intermediária, para dar maior espaço e fazer que tenham mais desenvolvimento as árvores.

O reflorestamento artificial consiste em plantar, com mudas ou sementes, as essências florestais desejadas. Para

isso, devem-se observar o solo, a essência, o preparo do terreno, a distância entre as covas, a época do plantio e o trato, nos primeiros anos. Esse sistema de reflorestamento dá mais trabalho, é mais intensivo, próprio para fazendas bem organizadas e administradas, e dá grande rendimento, quer seja em lenha, ou em moirões, quer em postes ou em madeiras. O reflorestamento artificial do eucalipto, no Brasil, com 7 anos, tem dado acima de 200 metros cúbicos de lenha por 1 Ha.

Nem sempre é possível, nesse reflorestamento, fazer-se o preparo conveniente do solo, com arações e gradeações, porque, muitas vezes, a topografia e as condições do terreno não o permitem (altos, carrascais, etc). Nesse caso, deveremos roçar o terreno, marcar as covas, coroá-las, furar buracos de 40 x 40 x 40 cm. e plantar essências mais rústicas, como o Pinheiro do Paraná, o jacaré, o angico, etc..

Quando o solo permite um bom preparo de aração e gradeação, deveremos usar essências mais exigentes e adotar, nos primeiros anos, culturas intercalares de lavouras (feijão, mandioca, milho), para barateamento dos trabalhos. Sempre que o terreno é bem preparado, o desenvolvimento das árvores é muito mais rápido.

As essências e o modo de plantio

Eucaliptus — em solo preparado ou somente covado, com mudas de 6 meses; distância de 2,5 m. entre covas, em outubro e novembro.

Pinheiro do Paraná — em solo covado, com 5 sementes em cada cova; distância de 4 x 4 ms. entre covas; em setembro, fazendo-se 2 desbastes, em cada cova, quando as mudinhas tiverem 20 cms., deixando-se somente a mais vigorosa.

Cinamomo — por mudas ou sementes, em covas de 3 x 3 ms., em outubro; terreno covado.

Angico ou Jacaré — 5 sementes em cada cova; distância de 2 x 2 metros; desbastes com 20 centímetros de altura; semeadura em outubro ou novembro; terreno covado.

Cedro rosa — precisa ser plantado por mudas no meio de outras essências, devido às brocas; distância de 3 x 3 metros; terreno covado, bom e fresco; plantação no mês de novembro.

O trato destas essências, nos primeiros anos, consiste em cultivações, nos solos bem preparados, e coroações, com enxada e limpas, à foice, nos solos simplesmente covados.

Não se deve fazer o reflorestamento todo, em um ano só; faz-se, em cada ano, uma parcela (conforme o número de anos e a área), distribuindo-se, assim, os serviços, presentes e futuros.

Si forem 40 Ha. a reflorestar para obtenção de lenha (eucaliptus, jacaré, angico, bracatinga), plantem-se 5 Ha. cada ano durante 8 anos e, no 9º ano, colher-se-á o 1º talhão; no 10º (ano) o 2º e, assim por diante, em rotação. Assim, haverá possibilidade de se colherem, no mínimo — 1.000 metros cúbicos de lenha, todos os anos, a começar do 9º até o 18º (ano) e continuará a colher depois a lenha sucessiva, desbastada, dos tocos, sempre em rotação.

As Possibilidades da Piscicultura

A criação de peixes com a finalidade de abastecer o mercado é o mais novo dos ramos da indústria animal do Brasil.

De uma ou duas dezenas de anos para cá, como que à socapa, começou a ser tema de indagações no Brasil. Hoje, estamos na fase do trabalho ativo e inteligente. São inúmeros e convincentes os testemunhos de que a piscicultura oferece resultados amplamente vantajosos. Em Recife, por exemplo, onde já encontramos centenas de viveiros, diversas experiências deram como resultado a constatação de que, em boas condições, um hectare pode produzir até 1.500 quilos de peixe. Qual é o ramo da indústria animal que pode comparar seus resultados com os que o viveiro de peixe do Recife proporciona? O gado ou o porco? Nenhum deles, porque a pecuária consegue, quando muito, nas boas pastagens, colher cem quilos por hectare e por ano, relevando considerar ainda que vai uma diferença enorme entre o emprego do capital, trabalho e despesa que requer a pecuária contra um esforço mínimo, quase irrisório, empregado pelo dono do viveiro, para colher peixe em abundância, a ser vendido por preço duplo ou triplo do que alcança a carne de vaca.

A vista disso, pode ser considerado ainda insignificante o interesse que se dedica no Brasil a uma indústria assim tão lucrativa e que vai encontrar na Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura toda a assistência técnica necessária.